



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Medo do crime e sentimento de insegurança no Rio de Janeiro

Autoria: André Luiz Gomes Soares (PPGSA-UFRJ)

Apesar de aparentemente similares, é preciso uma distinção cautelosa entre medo do crime e sentimento de insegurança. O primeiro é tradicionalmente definido como uma resposta emocional perante símbolos da criminalidade capazes de enquadrar algo ou alguém como perigoso e conforta um campo de estudos consolidado no contexto anglo-saxão, sobretudo, nos Estados Unidos. O sentimento de insegurança seria, por sua vez, um emaranhado de representações, emoções e ações, não configurando um subcampo temático tão desenvolvido quanto o anteriormente exposto, entretanto, ainda mais profícuo para as ciências sociais. Esta última, na verdade, pensou o medo do crime com desconfiança, observando seus impactos na vida social em vez de pensá-lo como um fenômeno em si mesmo. Isso quer dizer: apenas acompanhava outros temas como segregação socioespacial, punitivismo, autoritarismo, estigmatização e descrença institucional. Desse modo, o medo costuma ser deslocado para outras causas mais abrangentes e a criminalidade deixa de ter lugar privilegiado na análise. A adequação de um meio termo entre essas perspectivas teóricas possibilitaria relacionar as dimensões política, cognitiva e emocional desses fenômenos? levando em conta a primeira? e a figuração responsável pelo sentido entre a contextualização histórica de cada lugar abordado e as consequências políticas do tema? ao considerar a segunda. Assim, este work pretende levar a sério a perspectiva das pessoas ao realizar um estudo de caso qualitativo (sincrônico e diacrônico) cujo objeto são as representações sociais do crime e da violência urbana relacionadas ao medo e a insegurança na cidade do Rio de Janeiro. Compreender e interpretar como os moradores de uma região específica dela relacionam



acontecimentos e experiências criminosas com seus sentimentos e emoções é o objetivo mais geral desta pesquisa. Para isso, é perguntado como o medo do crime e o sentimento de insegurança atua cotidianamente na vida de algumas pessoas e quais seriam os elementos responsáveis por sua construção social. A coleta e análise dos dados será de inspiração antropológica, a forma indutiva de gerar conhecimento será privilegiada, bem como sua estreita relação entre empiria e teoria. No entanto, em vez da tradicional etnografia, serão realizadas entrevistas em profundidade ? matérias de jornais, anúncios de empresas privadas de segurança e estatísticas oficiais também serão úteis ? a partir de um estudo de caso na Zona Sul carioca capaz de mobilizar duas comunidades distintas. Uma delas será composta pelos moradores da Rua General Glicério e seu entorno. A outra, por moradores do Morro Santa Marta. Ambas populações compartilham de uma proximidade geográfica e uma profunda distância socioeconômica.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: